

# **Dr. David deSilva , O Mundo Cultural do Novo Testamento, Sessão 6, Leitura 1 Pedro sintonizado com Estruturas e Valores de Parentesco**

© 2024 David DeSilva e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David deSilva em seu ensinamento sobre O Mundo Cultural do Novo Testamento. Esta é a sessão 6, Leitura 1 Pedro em sintonia com estruturas e valores de parentesco.

Nesta sessão, examinaremos atentamente 1 Pedro usando o que aprendemos em relação ao parentesco, à formação de grupos de parentesco e ao ethos dos grupos de parentesco, bem como ao tipo de regras que governam os lares naturais em nossos períodos anteriores. palestra para ver de que forma isso pode iluminar a estratégia retórica, a estratégia pastoral de 1 Pedro, à medida que o autor aborda a situação daqueles aqui.

Agora, já exploramos o cenário pastoral de 1 Pedro em conexão com os segmentos sobre honra e vergonha. Pedro está escrevendo para um grupo de congregações em, digamos, a metade ocidental da Turquia moderna, cinco províncias, províncias romanas no que hoje é a Turquia ocidental, e Pedro identifica o problema mais urgente que esses cristãos enfrentam como sendo a resistência que encontraram por parte de seus vizinhos não-cristãos que usaram todas as técnicas vergonhosas à sua disposição, insultam, reprovam e até, em alguns casos, abuso físico, marginalização, para tentar reconquistar os convertidos ao modo de vida normal e aos valores que haviam deixado atrás. Agora, o que descobriremos é que a linguagem do parentesco, juntamente com considerações de honra e vergonha, também desempenha um papel significativo na resposta do autor à situação do destinatário.

Primeiro, o autor dá atenção tanto ao fato como à maneira de um novo nascimento em uma nova família que os convertidos ao Cristianismo experimentaram. Ele também apontará a distância que este novo nascimento numa nova família impõe entre os crentes, os convertidos e os grupos de parentesco natural que, pelo menos conceitualmente, eles deixaram para trás. Assim, desde o início de sua carta, lemos: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

De acordo com a sua grande misericórdia, ele nos fez nascer de novo para uma esperança viva através da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança que é imperecível, imaculada e imorredoura, guardada no céu para vocês.' De forma muito semelhante, no final do primeiro capítulo, ele escreve sobre eles: "Vocês nasceram de novo, não de semente perecível, mas de semente imperecível, por meio da palavra viva e permanente de Deus. Pois", citando agora Isaías , "toda a

carne é como a erva, e toda a sua glória é como a flor da erva. A erva murcha, a flor cai, mas a palavra do Senhor permanece para sempre.

E esta palavra são as boas novas que vos foram pregadas." Pedro está falando sobre o ato de receber a palavra do evangelho e responder com confiança a ela como, na verdade, uma segunda geração. Essa palavra foi a semente implantada que cria uma nova pessoa, um novo nascimento numa nova família, e uma família que é melhor em todos os sentidos do que a família que, em tantos casos, estes convertidos tiveram de deixar para trás, em certo sentido. Cria um novo grupo de parentesco. entre aqueles que partilham este novo nascimento e esta ascendência comum.

O grupo cristão torna-se uma irmandade, termo que aparece em 2:17 e 5:9. O novo nascimento nesta nova família traz grandes vantagens e privilégios, um privilégio maior do que o nascimento natural do ouvinte. É provocado por uma semente superior, não o tipo de semente que concede apenas a vida mortal, mas aquela que concede a vida eterna e imperecível. É o nascimento numa família que partilha uma herança maior, nomeadamente a glória e a honra que pertencem ao único Deus, o chefe desta família e o Messias de Deus, para ser desfrutada para sempre numa vida além da corruptibilidade.

O primeiro nascimento do ouvinte, seu nascimento natural num grupo de parentesco natural, trouxe-lhes um tipo de herança. Foi uma herança de ignorância, de tradições ímpias, de valores que nasceram da alienação do único Deus. O autor fala assim sobre isso.

Vocês foram resgatados dos caminhos fúteis herdados de seus antepassados naturais, não com coisas perecíveis, como prata ou ouro, mas com o precioso sangue de Cristo, como o de um cordeiro sem defeito ou mancha. O novo nascimento na nova família de Deus, por outro lado, proporciona a esses cristãos atormentados não apenas uma herança melhor pela qual ansiar, mas também uma forte afirmação de sua honra como resultado de ouvirem e responderem à palavra que foi pregado a eles. Por um lado, podem ter perdido a honra ou o estatuto tal como o seu nascimento natural lhes tinha dado, mas agora, por causa disso, ou como consequência disso, partilham da honra não apenas dos pais naturais, mas da honra do Deus. do cosmos que se tornou, ou quem é o chefe da família da qual se tornou parte.

Este novo nascimento numa nova família tem implicações éticas particulares. Segundo o autor, a primeira implicação é que o convertido deve crescer à semelhança de seu novo pai. Lemos em 1 Pedro 1:14 a 16, como filhos obedientes, não vos conformeis às paixões da vossa antiga ignorância, mas como aquele que vos chamou é santo, sede vós também santos em toda a vossa conduta, visto que está escrito: sereis santos, porque eu sou santo.

Um texto-chave de Levítico, seja santo como eu sou santo, é aqui combinado com a imagem dos filhos permitindo que seus pais os moldem e moldem à semelhança do caráter dos pais. Conhecer o caráter de nosso Pai deveria nos impulsionar ainda mais nesse processo. O autor escreve logo no versículo seguinte, se vocês o invocarem como Pai, aquele que julga imparcialmente os atos de cada um, comportem-se com temor durante todo o tempo do seu exílio.

Uma segunda implicação ética, paralelamente ao crescimento da semelhança do caráter do nosso novo pai, diz respeito às relações do crente entre si. Os crentes, escreve o autor, purificaram seus corações com o propósito de expressar sincero amor fraternal. A palavra grega ali é Filadélfia , o mesmo termo que Plutarco usa em seu tratado sobre o amor fraternal.

Que tipo de amor deve caracterizar os irmãos? E o autor os incentiva a demonstrar amor pelas irmãs e irmãos, a serem pessoas da Filadélfia , a serem pessoas que demonstram o amor de irmãos entre si. Podemos reconhecer várias facetas da ética cultural mais ampla que orienta os relacionamentos entre irmãos, a ética da Filadélfia , na descrição deste autor das interações dentro da comunidade cristã. Aqui, vou apenas nos mostrar vários slides de leituras das escrituras.

Por exemplo, em 1:22, o autor escreve, amem uns aos outros sinceramente com um coração puro. E então em 2:17, ame a irmandade. Em 4:8, ele olha para aquela faceta do ethos onde o amor supera as lesões, que marcará as relações de parentesco.

Acima de tudo, continuem amando uns aos outros sinceramente, pois o amor cobre uma multidão de pecados. Entre membros não-parentes, as afrontas e os insultos devem provocar retaliações. Mas entre os parentes, os insultos e as injúrias devem ser enfrentados com tolerância, com um amor que encobre e põe de lado, em vez de responder e multiplicar as afrontas interpessoais.

Ele os exorta a abandonar toda maldade, todo engano, toda hipocrisia, inveja e toda calúnia. Engano, fingimento, inveja, estas coisas caracterizam os concorrentes no mundo antigo, não aqueles que cooperam para o bem comum uns dos outros. A calúnia é apropriada para concorrentes pela honra, mas os parentes protegem, em vez de destruir a honra uns dos outros.

O autor também os exorta a terem unidade de espírito, simpatia, amor fraternal, um coração terno e uma mente humilde em 3.8. Mais uma vez, encontramos aqui uma lista de qualidades particularmente ressonantes com a harmonia e a unidade que caracterizam os irmãos no mundo antigo. O autor, como todo o movimento cristão do primeiro século, sabe que a reunião da assembleia cristã depende da hospitalidade, de os cristãos abrirem as suas casas, as suas casas físicas, uns aos outros e acolhê-los. hospitalidade uns com os outros, sem resmungar.

A hospitalidade foi essencial para o movimento cristão, desde a reunião do grupo ao apoio de missionários e professores até o apoio de delegados cristãos de outras igrejas. Sem hospitalidade, o grupo cristão não teria um local social onde se reunir ou apoiar a crescente rede de igrejas. Um classicista chamado Edwin Hatch nos dá uma imagem muito boa do grupo cristão, que se espalhava pelo Mediterrâneo no primeiro século.

Estrangeiros passavam em fluxo constante pelas cidades de todas as grandes rotas de comércio, tanto no Oriente como no Ocidente. Cada um daqueles estranhos que levavam o nome cristão tinha direito à hospitalidade. O cristianismo existiu e cresceu porque era uma grande fraternidade.

O nome irmão expressa vividamente um fato real. Um cristão encontrava, onde quer que fosse, na comunidade de seus irmãos cristãos, acolhimento e hospitalidade. O autor 1 Pedro contribui para esse tipo de cultura sobre a qual o classicista mais tarde poderá escrever.

Esta cultura é aquela em que estranhos são reunidos. As pessoas que estão relacionadas entre si, em sua maioria, de forma alguma são reunidas em uma comunidade que aceita voluntariamente umas com as outras as obrigações da família no nível mais próximo. E isto se torna, pelo menos aos olhos deste classicista, Edwin Hatch, uma das razões fundamentais para o crescimento do movimento cristão no mundo antigo.

Agora, paralelamente a isso, há também o facto de as famílias naturais se converterem ao Cristianismo como grupos. Encontramos, por exemplo, em todo o Novo Testamento, como a conversão do chefe de família leva ou abrange a conversão de toda a família natural da qual ele é pai, marido e senhor. Este é o caso de Cornélio, o centurião, em Atos, capítulo 10.

Além disso, o carcereiro de Filipos é mencionado em Atos, capítulo 16. E encontramos isso refletido em Estéfano de Corinto, que se converteu com toda a sua família. E também Onesíforo em 2 Timóteo.

O movimento, o movimento cristão primitivo, dependia de chefes de família como este, que inevitavelmente traziam toda a sua família para a igreja em virtude de serem os chefes dessa família, e da disposição dos chefes de família cristãos, como essas pessoas acima mencionadas, de oferecer hospitalidade. E esta família cristã natural tornou-se o cenário para os códigos domésticos, como são conhecidos, encontrados em Efésios 5 e 6, ou Colossenses 3, apenas se encaixando no capítulo 4, e os códigos domésticos que encontramos em 1 Pedro nos capítulos 2 e 3. Com a sua combinação de, por um lado, reforçar os papéis tradicionais dentro do agregado familiar natural, mas também, por outro lado, introduzir lógicas cristãs por vezes

subversivas que moldaram e remodelaram papéis e comportamentos dentro destes agregados familiares cristãos naturais. 1 Pedro, ao contrário de Efésios e Colossenses, concentra-se apenas em alguns papéis, apenas em escravos, esposas e maridos.

Ele não fala sobre filhos e pais. Ele não fala sobre senhores de escravos. E parece que ele tem principalmente em vista as famílias não-cristãs quando se dirige a escravos e esposas.

Vejamos primeiro as suas instruções para as esposas cristãs. No capítulo 3, versículos 1 a 6, lemos: Esposas, sujeitem-se a seus próprios maridos, para que, mesmo que alguns não obedçam à palavra, sejam ganhos sem palavra, pela conduta de suas esposas, quando virem seu respeitoso e conduta pura. Não deixe que o seu adorno seja externo, a trança do cabelo, o uso de jóias de ouro ou as roupas que você veste, mas deixe o seu adorno ser a pessoa escondida do coração, com a beleza imperecível de um espírito gentil e tranquilo, que aos olhos de Deus é muito precioso.

Pois assim se adornavam as santas mulheres que esperavam em Deus, submetendo-se aos seus próprios maridos, como Sara obedecia a Abraão, chamando-o de Senhor. E vocês são filhos dela se fizerem o bem e não temerem nada que seja assustador. Neste texto, vemos alguns aspectos do ideal clássico e judaico da esposa.

Vemos o ideal de submissão, estar sujeito aos seus próprios maridos, em 3:1. Deixe o seu adorno ser a pessoa oculta do coração, com a beleza imperecível de um espírito manso e tranquilo, submissão, silêncio, em 3:4. E também o exemplo de Sara, como representante das santas mulheres que esperavam em Deus, adornando-se submetendo-se aos seus próprios maridos, assim como Sara chamou Abraão de Senhor, em 3:5 e 6. Muitas vezes vemos, ainda mais diretamente, a faceta do silêncio dentro desse ideal, como diz o autor, faz isso para que mesmo que alguns não obedçam à palavra, sejam vencidos sem palavra pela conduta de suas esposas. O autor parece aqui estar instando as esposas cristãs de maridos não-cristãos a viverem o ideal da boa esposa do marido não-cristão como um meio de evangelismo e, pelo menos, como um meio de ganhar respeito pela confissão cristã e modo de vida. E então em 3:6, meio que se movendo em uma nova direção, ele escreve, e vocês são filhos dela, vocês são filhos de Sara, se fizerem o bem e não temerem nada que seja assustador.

Esta talvez não seja a melhor tradução, e não temo que qualquer intimidação possa ser uma tradução melhor. Por um lado, o autor fala aqui novamente de um parentesco fictício na forma de descendência compartilhada de Sarah. E devo apenas mencionar, para maior clareza, que 1 Pedro não se dirige principalmente aos cristãos judeus, mas principalmente aos cristãos gentios, porque o autor fala sobre o passado deles como um passado marcado pela idolatria, fornicação e um monte de outras coisas que os judeus simplesmente não fez, mas os gentios fizeram todos os dias.

Bem, não a parte da fornicação, mas a parte da idolatria, pelo menos, como é natural. Então, aqui, o autor aplica o parentesco fictício. Você se tornou filha de Sarah se fizer o bem e não temer qualquer intimidação.

Poderíamos também recordar como um autor diferente, Paulo, deu muita atenção à demonstração de como os cristãos, tanto cristãos gentios como cristãos judeus, estão ligados à linhagem e, portanto, às promessas de Abraão e Sara em Gálatas e Romanos. Mas há aqui outra dinâmica : não tema qualquer intimidação. Essa é a dinâmica de resistir, não de se submeter, mas de resistir ao marido não-cristão em certos pontos inevitáveis, e esse seria o objetivo da religião doméstica. Escolher uma religião diferente da religião do marido era um ato contra o ideal cultural.

Plutarco escreve em seu Conselho sobre o Casamento que uma esposa não deve ter amigos próprios, mas usar os amigos do marido como estoque comum. E o primeiro e mais importante dos nossos amigos são os deuses. Uma mulher casada deve, portanto, adorar e reconhecer os deuses que seu marido estima, e somente estes.

A porta deve ser fechada para cultos estranhos e superstições estrangeiras. Nenhum deus sente prazer num culto realizado furtivamente e em segredo por uma mulher. A esposa de um marido não-cristão que se converteu à fé cristã estaria a prejudicar a solidariedade da família ao escolher adorar um deus diferente do do seu marido, o chefe dos deuses da família.

Se ela levasse a sério a questão de evitar a idolatria e o seu compromisso de adorar apenas o único deus, ela não participaria em rituais domésticos. A esposa de uma família seria visivelmente taciturna ou mesmo ausente enquanto o chefe da família, o marido, realizava o culto doméstico. E devo apenas dizer, todas as evidências que vi, pelo menos, eu estava prestes a dizer que sim, mas não sei, mas todas as evidências que vi de casas antigas, pelo menos no O mundo romano, inclui com destaque santuários, santuários domésticos, onde o gênero, o espírito da família, os espíritos protetores, os lares da família, seriam adorados ao lado de outros deuses que presumivelmente o marido ali colocou e decidiu que ali estariam.

E esses santuários, quero dizer, todas as casas romanas tinham um altar, na verdade. Tinha um lugar para a religião doméstica. E a esposa, agora, estaria evitando aquele local, causando muitos atritos na casa naquele momento.

Ela não iria com o marido participar de rituais cívicos e públicos. Ela não seria vista como uma esposa piedosa por todos os amigos e associados do marido. E, talvez o mais questionável, ela estaria saindo de casa para se reunir com um grupo de estranhos, de pessoas fora dos círculos do seu marido e sem a supervisão do seu marido, se ela fosse se reunir com a assembléia cristã.

Agora, o autor considera a submissão nesta área inegociável. Você deve mais obediência a Deus do que ao marido. Mas o autor exorta a esposa cristã a agir em todos os outros aspectos da vida, de modo a demonstrar que a sua lealdade a Jesus realmente a torna uma esposa melhor e mais agradável, se o marido for tolerante com a sua estranha prática religiosa.

Não temer qualquer intimidação também sugere que o autor reconhece que o marido não-cristão pode exercer uma pressão significativa e até mesmo ameaçar a esposa cristã para que cesse e desista. Mas nestes casos, não se pode submeter-se a um ser humano em vez de a Deus. Agora, logo depois disso, o autor passa a dirigir palavras aos maridos cristãos, e obviamente apenas aos maridos cristãos, porque os maridos não-cristãos não ouviriam Pedro, e o que ele diz não se aplicaria.

Agora, como mencionei mais brevemente em uma palestra anterior, há um problema em traduzir 3:7 com precisão. Na ESV e na NVI, encontramos esta tradução: Da mesma forma, maridos, vivam com suas esposas de maneira compreensiva, honrando a mulher como o vaso mais fraco, visto que são herdeiros com vocês da graça da vida, para que seu as orações não podem ser impedidas. E então, na NVI, os maridos, da mesma forma, sejam atenciosos ao viver com suas esposas, e tratem-nas com respeito como o parceiro mais fraco e como herdeiros com você do dom gracioso da vida, para que nada atrapalhe suas orações.

Agora, o que podemos notar em todas essas traduções, você poderia comparar a KJV, RSV e outras, é que duas injunções estão sendo dadas, viva consideravelmente com sua esposa, mostre honra à sua esposa, e dois motivos estão sendo aduzidos, na verdade, porque sua esposa é o vaso mais fraco e porque sua esposa é também herdeira do dom da vida, a vida que Deus dá. Todas essas traduções apresentam o comando número um, depois apresentam o comando número dois e sugerem que ambas as motivações estão relacionadas ao comando número dois. Mas isto é, a meu ver, obviamente contrário à estrutura do próprio grego, onde nos dirigem aos maridos, que são instruídos a executar a acção número um com base na motivação número um e a executar a acção número dois com base na motivação número dois.

Então, na verdade, conforme leio o grego, é que os maridos também vivem consideravelmente juntos com suas esposas, como acontece com o vaso feminino mais frágil, e lhes dão honra como co-herdeiros com vocês do dom da vida, para que suas orações não sejam impedido. O que quero dizer aqui é que mostrar honra à esposa cristã não é apresentado pelo autor como um gesto magnânimo por parte do marido cristão para com o vaso mais fraco. Pelo contrário, tal respeito lhe é devido em virtude do que Deus fez dela junto com o marido, ou seja, co-herdeiros do dom de Deus da vida eterna.

Agora, embora os especialistas em ética clássicos tenham reconhecido e concordado com a primeira instrução e a sua motivação, os maridos devem ser atenciosos

porque as suas esposas são fisicamente mais fracas e mais vulneráveis do que eles. Embora os especialistas em ética clássicos tivessem concordado com isso, a segunda instrução e a sua motivação constituem uma reviravolta distintamente cristã na relação marido-mulher. Na verdade, ser co-herdeiros recorda a relação fraterna na qual o marido e a mulher cristãos também entraram em virtude de terem nascido na família de Deus.

Assim, de certa forma, a relação inevitavelmente hierárquica entre marido e mulher no mundo antigo está a ser desafiada, remodelada de alguma forma pela relação mais igualitária de irmãos no mundo antigo, filhos dos mesmos pais. E esta é a palavra final do autor sobre o casamento cristão. Não estou dizendo que isso resolva qualquer debate facilmente, mas estou dizendo que o autor não apenas imita códigos e valores clássicos ou judaicos sobre o casamento.

Ele percebe que, em virtude de terem se tornado cristãos juntos, algo novo foi introduzido na dinâmica do casamento, e isso contribuirá para fermentar e mudar esse relacionamento de alguma forma. Agora nos voltamos para as instruções de 1 Pedro aos escravos, que encontramos no capítulo 2, versículos 18 a 21. Ele escreve, servos, sujeitem-se aos seus senhores com todo o respeito, não apenas aos bons e gentis, mas também aos injustos.

Pois isso é uma coisa graciosa quando estamos atentos a Deus, suportamos tristezas enquanto sofremos injustamente. Qual é o mérito se quando você peca e é espancado por isso, você persevera? Mas se quando você faz o bem e sofre por isso, você persevera, isso é uma coisa graciosa aos olhos de Deus. Pois para isso vocês foram chamados, porque também Cristo sofreu por vocês, deixando-lhes o exemplo, para que sigam os seus passos.

Agora nesta passagem o autor utiliza a palavra *oiketai*, empregados domésticos. Ele está assumindo escravos domésticos, como os que são normalmente encontrados em ambientes urbanos, e isso é apropriado à forma como a igreja primitiva se espalhou. Ele também está escrevendo aqui essencialmente assumindo que está se dirigindo a escravos em lares não-cristãos, uma vez que não há instruções recíprocas dadas aos senhores e uma vez que o autor não parece sentir que tem qualquer influência sobre os senhores para tratá-los como bons em vez de tortuosos. e mestres perversos.

Os escravos nestes lares não-cristãos, tal como as esposas de maridos não-cristãos, mas de forma ainda mais flagrante, estariam a agir contra a norma ao não participarem nos ritos idólatras da família e precisariam de ganhar alguma tolerância dos seus senhores, mesmo por participar de reuniões cristãs. O autor exorta então os escravos a continuarem a ser submissos e obedientes em todos os assuntos em que puderem com uma boa consciência, em parte para dar garantia de que o movimento cristão não é subversivo da espinha dorsal da economia imperial romana, ou seja, a

escravatura, mas também em parte para obter o favor necessário de seus senhores para participarem do movimento cristão. Mesmo nesta aventura, porém, o autor atribui grande autoridade às consciências dos escravos em 2.19. Eles devem determinar, com base no seu discipulado cristão, o que significa pecar e o que significa fazer o bem.

Quando estou sendo punido com justiça? Quando estou sendo punido injustamente? O autor está dando ao escravo a determinação moral para decidir quando ele ou ela está agindo de acordo com os valores de Deus ou não e, portanto, se o senhor está agindo de acordo com os valores de Deus ou não. Além disso, quando o autor afirma que esses escravos cristãos deveriam aceitar a punição por fazerem o que é bom, ele está na verdade afirmando uma medida de insubordinação. Muito provavelmente, ele tem em mente a abstinência deles de idolatria na família e de qualquer outra coisa em que sua lealdade a Deus os leve a desobedecer a seus senhores.

Ele expressa a expectativa de que eles continuarão a obedecer a Deus e não aos seus senhores e, portanto, continuarão a ser punidos por fazerem o que é bom. Mas isto pressupõe uma medida de insubordinação contínua, uma vez que a lealdade final deve ser dada a Deus. Os senhores destes escravos, por sua vez, são agora julgados em parte pela forma como tratam os seus escravos.

Ou seja, se eles realmente punem os seus escravos por fazerem o bem aos olhos do único Deus, esses senhores provam ser senhores maus ou desonestos, uma vez que estão agindo injustamente. Em 1 Pedro, as instruções dadas aos escravos acabam servindo de modelo para as instruções dadas a todos. Isto é bastante surpreendente nesta sociedade.

O escravo não é um cidadão exemplar e não é o local de referência para um modelo de comportamento. Mas aqui, Pedro apresenta o escravo, na verdade, como modelo para todo cristão. E assim, encontramos não apenas o escravo, mas todos os cristãos sendo instados a aceitar o sofrimento imerecido, na consciência de ter a aprovação de Deus, ao mesmo tempo em que tomamos cuidado para não provocar sofrimento merecido por parte dos escravos por parte de seus senhores, por parte de cada cristão do mundo exterior.

Ambos os escravos, primeiro e depois todos os cristãos, são exortados a não retaliar. Primeiro, os escravos, mas depois todo cristão é conscientizado da importância de seguir o exemplo de Jesus. E então, primeiro, os escravos são chamados a confiar a sua causa a Deus para julgamento.

E então, dois curtos capítulos depois, todos os cristãos que estão sofrendo injustamente porque responderam obedientemente a Deus são exortados a confiar a sua causa a Deus para julgamento. Por um lado, 1 Pedro dificilmente é um texto libertacionista, quer no que diz respeito à visão e ao papel das esposas na família,

quer no que diz respeito à visão e ao papel dos escravos na família. Mas, por outro lado, o autor mostra alguns desafios interessantes ou coloca alguns desafios interessantes a estas estruturas desiguais e ao pensamento do ouvinte sobre as próprias estruturas.

Como marido cristão no primeiro século, irei me relacionar com a mulher da minha casa principalmente como um marido para uma esposa ou um irmão para uma irmã sob Deus? Pensando nos escravos no meio da assembleia, continuarei a pensar neles como os membros mais baixos da igreja ou, em tantos aspectos importantes, como os membros exemplares da igreja? Assim, o autor pode fornecer alguns contrapontos interessantes para ambas as partituras. Agora, a ideia da igreja, do movimento cristão como uma família, como um grupo de parentes reunido por meio da adoção na família de Deus, de modo que se tornem irmãos e irmãs uns dos outros, e a ética que acompanha esta ideia são recursos poderosos para a transformação do crente individual e para a formação de comunidades de fé vitais e estimulantes, se trabalharmos para recuperá-las em nossa época. Quando penso nas igrejas das quais fiz parte, geralmente são grupos de pessoas muito cordiais que interagem bem e até intimamente até certo ponto, mas não além de certos pontos.

Mas eu só poderia descrever uma das sete igrejas das quais tenho sido uma parte significativa da minha vida, realmente como uma família, como um grupo que se esforçou para viver este ideal de parentesco baseado em estar relacionado pelo sangue. de Cristo em vez de ser parente de qualquer outro sangue. E se as nossas igrejas, e se nós, como parte das nossas igrejas, realmente continuássemos a pressionar no sentido de tratar os nossos companheiros cristãos, os nossos irmãos e irmãs lá, realmente como irmãos e irmãs, não apenas como uma espécie de título religioso, mas como pessoas em quem nos investiríamos como se fossem filhos e filhas dos nossos pais, dos nossos pais naturais? E se, por exemplo, a mãe solteira entrasse numa igreja e encontrasse ali uma comunidade de apoio para ajudá-la a criar e cuidar dos filhos enquanto ela trabalhava? O que a família de Deus significaria para tal pessoa quando ela descobrisse que poderia realmente confiar seus filhos durante o dia aos cuidados de outras pessoas, quando encontrasse dezenas de pessoas dispostas a ajudá-la nos desafios diários de ter que ser o único pai e o único ganha-pão? E se aqueles dois membros rivais da igreja e todos vocês soubessem exatamente a quem estou me referindo, e se aqueles dois membros rivais da igreja em nossa congregação nos descobrissem ao lado deles da mesma maneira que, inevitavelmente, eu acho, tem sido minha experiência, inevitavelmente, nos aproximamos dos membros da nossa família natural que estão brigando há muito tempo. Você sabe, eu fiz isso, todos nós fizemos isso, foi feito comigo, onde nossas famílias naturais, alguns membros de nossas famílias naturais, na verdade nos sentarão e dirão, agora isso não pode continuar.

Vamos resolver essas questões para que possamos voltar a ser uma família que funcione bem e deixar essa desunião de lado. E se a pessoa que é descoberta em um

pecado descobrir que os cristãos na igreja ao seu redor estão mais interessados em restaurar essa pessoa, em tentar realmente esconder a vergonha dessa pessoa, em vez de exibir a vergonha dessa pessoa e expulsá-la ou expulsá-la? fazer a pessoa se sentir indigna e impura? E se tratássemos essa pessoa da mesma forma que trataríamos, espero, o membro do nosso grupo de parentesco natural que se meteu em problemas, que errou, com o mesmo fervor por restaurar, ajudar e elevar? Que tipo de cultura poderosa, que tipo de cultura cativante e atraente a igreja cristã se tornaria? E se pensássemos sobre a igreja nestes termos, mesmo para além da nossa congregação local, para além da nossa denominação, para além das nossas fronteiras nacionais? E se aqueles que mesmo agora enfrentam dificuldades tremendas por causa do seu compromisso com Cristo encontrarem a igreja global tão rapidamente a acompanhá-los, a fornecer-lhes qualquer assistência material ou espiritual possível, a assumir a sua causa como se fosse sua, com o mesmo fervor que faríamos se nosso filho estivesse sendo perseguido ou marginalizado? Penso que este é o tipo de ethos que os escritores do Novo Testamento queriam muito inculcar no movimento cristão, pois nos fizeram pensar uns nos outros como irmãs e irmãos e não apenas como estranhos que pertencem à mesma organização voluntária. . E quanto mais formos capazes de incorporar este espírito de amor, mais penso que o testemunho da igreja, a perseverança da igreja e o crescimento da igreja serão nutridos.

Lembro-me, e gostaria de poder lembrar exatamente o texto clássico em que o encontrei, mas uma das coisas que mais impressionou os estrangeiros não-cristãos sobre o movimento cristão nos séculos II e III foi a maneira como eles trataram cada um a outra era o amor e a aceitação excessivos que eles estendiam um ao outro. O testemunho é ver como eles se amam. Isso poderia ser dito da igreja em todos os lugares novamente se abraçássemos nosso parentesco, um parentesco à custa de Jesus morrer por nós para nos tornar uma família de Deus.

Este é o Dr. David deSilva em seu ensinamento sobre O Mundo Cultural do Novo Testamento. Esta é a sessão 6, Leitura 1 Pedro em sintonia com estruturas e valores de parentesco.